

O projeto do *Livro do Desassossego* e o romantismo alemão

The Book of Disquiet project and the German Romanticism

Cláudia Souza*

Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo / Brasil
e Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Lisboa / Portugal
claudiasouzza@hotmail.com

Resumo: Este artigo pretende aproximar o projeto do *Livro do Desassossego* e o primeiro romantismo alemão a partir da questão do fragmento. Esse livro permaneceu enquanto projeto durante a vida de Fernando Pessoa, tendo apenas sido publicados alguns fragmentos do mesmo antes da morte do autor em 1935. O projeto do livro é composto por uma série de fragmentos, o gênero romântico por excelência. Tanto Novalis quanto Friedrich Schlegel refletiram sobre a questão do fragmento, principalmente a partir da dialética entre fragmento e totalidade.

Palavras-chave: Fernando Pessoa; romantismo alemão; fragmento.

Abstract: This article intends to approach aspects of the Book of Disquiet Project and the first German Romanticism from the fragment question point of view. This book has remained as a project during the life of Fernando Pessoa, having only been published a few fragments before the author's death in 1935. The book project consists of a series of fragments, the romantic genre par excellence. Novalis and Friedrich Schlegel write and think about the fragment question, mostly from the dialectic between fragment and totality.

Keywords: Fernando Pessoa; German romanticism; fragment.

* Esse artigo foi desenvolvido no âmbito da bolsa Fapesp (proc. nº 2015/16698-2).

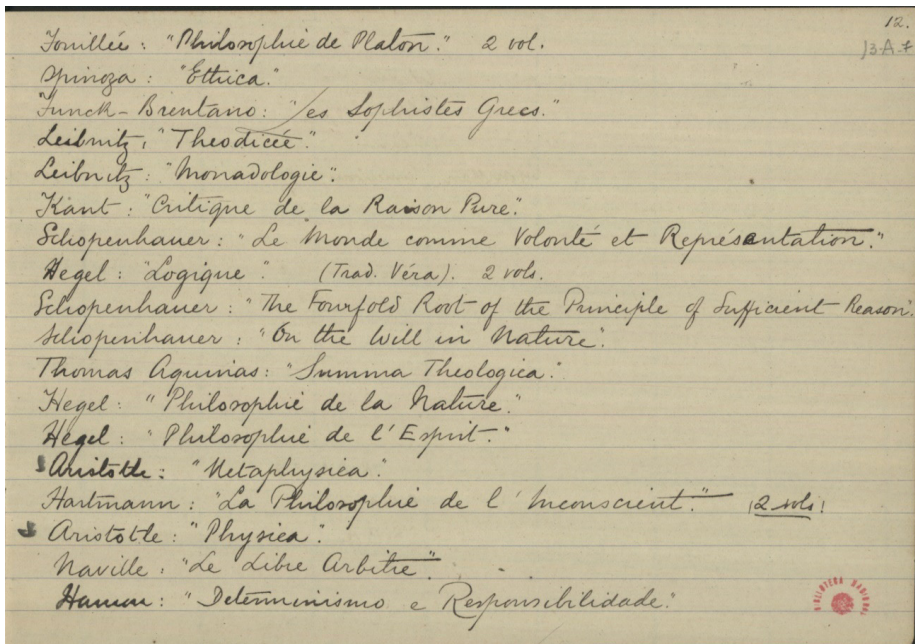
Data de recebimento: 18 de dezembro de 2015

Data de aprovação : 2 de março de 2016

Fernando Pessoa, poeta e criador de heterônimos, foi também um grande leitor, interessado nas mais diversas áreas do conhecimento: uma análise dos documentos do seu espólio e da sua biblioteca particular são comprovações deste fato. Entre essas muitas leituras realizadas pelo autor português, destacamos algumas relevantes para o desenvolvimento deste trabalho. Em sua biblioteca particular constam: o livro de Novalis *Les disciples à Sais et Les fragments* (NOVALIS, 1914) traduzido por Maeterlink¹ e bastante sublinhado por Pessoa, outro livro sobre o romântico alemão, intitulado *Novalis* (LICHTENBERGER, 1912) e um exemplar intitulado *The literature of Germany* (ROBERTSON, [s/d]) onde há um capítulo sobre o romantismo alemão. A presença destes livros no espólio pessoano revela que Pessoa se interessou pelo romantismo alemão. Para além destes indícios que nos permitem aproximar o pensamento literário pessoano do primeiro romantismo alemão, Pessoa realizou leituras na Biblioteca Nacional de Portugal sobre filosofia durante a fase em que esteve matriculado no Curso Superior de Letras. O autor português deixou registros destas leituras também em seu espólio: notas de leituras, listas de livros e diários onde anotava as leituras realizadas na Biblioteca Nacional de Portugal. No caderno de leituras de uma personalidade literária pessoana, Charles Robert Anon,² constam referências importantes de leituras filosóficas, como podemos constatar no seguinte documento ([BNP/E3-13A-7]).

¹ Pessoa foi muito influenciado pelo teatro simbolista de Maeterlink. Em seus projetos do Teatro estático encontramos referências ao dramaturgo belga (Cf. PESSOA, 2010).

² Charles Robert Anon foi uma personalidade literária que acompanhou Pessoa no regresso definitivo a Lisboa em 1905. Seu nome aparece em um caderno de 1903 [BNP/E-144] abaixo de uma história intitulada “*The Mansion*”. O nome de Anon aparece em outros testemunhos neste mesmo caderno. Esse fato nos faz crer que a presença de Anon na criação pessoana é anterior a 1904, quando assinou um poema satírico em 9 de Junho de 1904 publicado em *The Natal Mercury* em Durban, na África do Sul.



Embora neste documento não haja uma referência explícita à filosofia do primeiro romantismo alemão, é importante sublinhar o interesse pessoal por Kant e por Espinosa, ambos filósofos de suma importância na estruturação do pensamento do primeiro romantismo alemão. É relevante sublinhar que este caderno de anotações de Anon data de 1906. As referências a Kant são numerosas no espólio pessoal. Em outro fragmento, de um diário de Charles Robert Anon, é possível saber exatamente a época na qual Pessoa estava lendo a *Crítica da Razão Pura* ([BNP/E3-13A-50]):

- 17/20
 Friday, 20th April, 1906.
 Holidays yet. Bibliotheca Nacional; began reading "Critique of Pure Reason" in the French translation by Barni; but several little poems. Thought deeply on my Metaphysics. Have three dissertations to do for the Curso; this will take my time which is precious. Have to finish many little poems of a fragmentary. Begin to learn German. Read Thackeray's "Vanity Fair" (part of it only, of course).
 Friday April 27th
 Have disposed of 2 of the 3 dissertations. Have been reading (though no time to-day, the "Critique of Pure Reason" in the French translation of Barni. I had finished reading "V. Fair". Had no time then with to go on with German. Must sell my very small stamp collection to be able to pay back to Antonio's 2000 rs. (which I carelessly borrowed to buy

Sexta-feira, 20 de Abril de 1906

Ainda de férias. Biblioteca Nacional; comecei a ler a *Crítica da Razão Pura* na tradução francesa de Barni. Escrevi vários pequenos poemas. Pensei profundamente na minha *Metafísica*. Tenho de fazer três dissertações para o Curso; isso ocupará o meu tempo, que é precioso. Tenho de concluir muitos pequenos poemas ainda fragmentários. Comecei a aprender alemão. Li *Vanity Fair* de Thackeray (apenas uma parte, claro). (Tradução nossa)

Existem outros documentos pessoais relativos à obra de Kant, como por exemplo, resumo de leituras. O fato desta anotação constar no diário de Charles Robert Anon, revela que de alguma forma a leitura da *Crítica da Razão Pura* foi importante para Pessoa. O primeiro romantismo alemão se estrutura a partir de uma grande transformação que a filosofia kantiana exerceu na história da filosofia ocidental. Toda a questão da epistemologia, ou seja, do conhecimento é analisada a partir não mais do objeto, mas sim do sujeito, essa é uma mudança significativa e profunda que o pensamento kantiano vai então estabelecer. A filosofia do primeiro romantismo alemão é herdeira e também crítica do pensamento kantiano. Os irmãos Schlegel e Novalis edificam um pensamento a partir da filosofia kantiana e também para além desta.

O interesse pessoal pela filosofia e sobretudo pela filosofia do primeiro romantismo alemão nos permite estabelecer um diálogo entre o espaço literário e artístico de Pessoa e o romantismo alemão. De acordo com a perspectiva da nossa pesquisa, Pessoa realizou em seu espaço literário alguns importantes preceitos do romantismo

alemão. O *projeto do desassossego*³ revela esta proximidade entre a literatura pessoana e o romantismo alemão. A primeira aproximação neste sentido pode ser estabelecida a partir da forma na qual o *projeto do desassossego* é constituído: fragmentos. A elaboração e a escrita do *projeto do desassossego* demonstram a fragmentação da consciência, da individualidade, fragmentação marcada no próprio fluxo do texto, um texto fragmentado em busca de um autor. Há todo um jogo estético envolvido na estruturação desta escrita que atravessa a construção da própria subjetividade moderna, que pode ser relacionada com a dialética entre o fragmento e a totalidade, questão tão central no romantismo alemão. No fragmento 206 do *Athenäum* lemos a este respeito: “Um fragmento tem que ser como uma pequena obra de arte, totalmente separado do mundo circundante e perfeito e acabado em si mesmo como um porco-espinho.” (SCHLEGEL, 1997, p. 82). A tessitura do *projeto do desassossego* pode ser analisada através da lente de F. Schlegel, cada fragmento deste livro, em permanente construção, é autônomo, carrega dentro de si uma problemática própria; ao mesmo tempo a descontinuidade do fragmento procura uma paradoxal continuidade com outros fragmentos deste projeto. Numa carta que escreveu ao seu amigo Armando Côrtes-Rodrigues em 14 de Novembro de 1914, Pessoa faz referência ao caráter fragmentário do *projeto do desassossego*: “O meu estado de espírito obriga-me agora a trabalhar bastante, sem querer, no Livro do Desassossego. Mas tudo fragmentos, fragmentos, fragmentos.” (PESSOA, 1944, p.39) Esse registro deixa claro que desde seus primeiros textos até os últimos, o projeto do desassossego permaneceu fragmentário.

A fragmentação da escrita parece refletir a fragmentação da suposta unidade do sujeito, no caso do autor. O projeto do desassossego assume diferentes assinaturas em diferentes fases. Numa primeira fase, Fernando Pessoa assinou os fragmentos do *projeto do desassossego*, como podemos averiguar nesta lista, escrita por volta de 1914:

Biblioteca da *Europa*

Mario de Sá-Carneiro: Céu em fôgo

António Ponce de Leão: A Venda

Fernando Pessoa: Livro do Desasocego

Theatro estatico ([BNP/E3-68^a-3])

³ A partir deste momento do texto trataremos o projeto do *Livro do Desassossego*, como *projeto do desassossego*, tendo em vista que se trata sobretudo de um projeto para um livro, uma vez que Pessoa não publicou o livro durante a sua vida, mas apenas fragmentos.

Na fase seguinte Pessoa passa o livro para as mãos de Vicente Guedes, como podemos confirmar nesta lista:

Na Casa de saude de Cascaess

inclui:– 1) Introdução, entrevista com Antonio Mora

2) Alberto Caeiro

3) Ricardo Reis

4) “Prolegómenos” de António Mora

5) Fragmentos

Vida e obras do engenheiro

Alvaro de Campos.

Livro do Desassocego

escrito por Vicente Guedes,

publicado por Fernando

Pessoa. ([BNP/E3-5-83]).

Vicente Guedes foi uma personagem literária pessoana, não chegou a se constituir como heterônimo. Essa personalidade assumiu diversas tarefas no laboratório literário de Pessoa: foi contista, tradutor e responsável pelo *projeto do desassocego* durante a segunda fase da elaboração deste.

Na terceira e última fase do *projeto do desassocego*, Pessoa entregou o seu projeto a outra personalidade, Bernardo Soares, o ajudante de guarda livros da cidade de Lisboa. Na década de 30, Pessoa publicou alguns trechos do *projeto do desassocego* com a assinatura de Soares.

Todos estes dados nos permitem reafirmar que a tessitura do *projeto do desassocego* pode ser relacionada ao pensamento dos primeiros românticos, sobretudo aos fragmentos deixados por F. Schlegel⁴ e Novalis. Em primeira instância, a noção de gênio desenvolvida por Schlegel, como uma coletividade interior, pode ser utilizada como lente de leitura da estética do *Desassocego*. Como citamos, o *projeto do desassocego* foi assinado por três autores: Fernando Pessoa, Vicente Guedes e Bernardo Soares. Podemos assim dizer que Pessoa se constituiu em uma pessoa genuinamente sintética, como diriam os primeiros românticos: “O gênio, diz Schlegel, é uma coletividade interior, uma

⁴ Fazemos referência em todo esse artigo ao pensamento de Friedrich Schlegel e em nenhum momento há referência ao pensamento do seu irmão August Schlegel.

comunidade interna legalmente livre de muitos talentos, ou como diz Novalis, uma pessoa genuinamente sintética que é ao mesmo tempo mais pessoas”. (SUZUKI, 1998, p. 235).

É interessante perceber que não só Pessoa se sentiu outro, ou melhor, outros e por isso teve a necessidade de se desdobrar em muitos corpos literários, como outros eus pessoanos também se sentiram estranhos diante de si mesmos. Na tessitura da estética do *Desassossego*, Bernardo Soares declara num fragmento:

Tudo se me evapora. A minha vida inteira, as minhas recordações, a minha imaginação e o que contém, a minha personalidade, tudo se me evapora. Continuamente sinto que fui outro, que senti outro, que pensei outro.

Aquillo a que assisto é um espetáculo com outro scenario. E aquillo que assisto sou eu.

Encontro ás vezes, na confusão vulgar das minhas gavetas literarias, papeis escriptos por mim ha dez anos, ha quinze anos, ha mais anos talvez. E muitos d’elles parecem de um extranho; desconheço-me nelles. Houve quem os escrevesse, e fui eu. Senti-os, mas foi como em outra vida, de que houvesse agora despertado como de um sonno alheio.

(...) Meu Deus, meu Deus, a quem assisto? Quantos sou? Quem é eu? O que é este intervalo que ha entre mim e mim? ([BNP/E3-2-76])

De acordo com o pensamento sobre a questão do gênio desenvolvida por Schlegel e Novalis, a resposta à pergunta de Bernardo Soares, *O que é este intervalo que há entre mim e mim?*, seria relativamente simples: este intervalo é justamente a genialidade, a potência genial que Pessoa carregava e transportou para seus outros eus.

A obra de arte para os primeiros românticos surge a partir da reflexão, que pode ser traduzida de maneira simplificada como esse ato de desdobramento do ser sobre si próprio e sobre a realidade, criando neste intervalo, algo belo, num espaço que não é o eu nem a realidade, mas sim um espaço estético. Como esclarece Novalis: “A arte é ao mesmo tempo a natureza contemplando a si mesma, imitando a si mesma e formando a si mesma.” (BENJAMIN, 1999, p. 73). E não é exatamente isto que revela o fragmento do *Desassossego*? Há uma contemplação de si mesmo (*Continuamente sinto que fui outro*), uma imitação de si

mesmo (*E aquele a que assisto sou eu*) e por fim a formação de si, pois é neste desdobramento que surge, que é formado um outro eu, que não é nem Pessoa, nem o outro a quem se contempla, mas Bernardo Soares. É justamente neste espaço, neste intervalo, que os primeiros românticos chamam de reflexão, que aparece essa coletividade pessoana, que se integra ao seu laboratório de escrita, não somente como outro eu, mas como outra criação, a que podemos denominar obra de arte.

Em um fragmento do livro de Novalis lido e sublinhado por Pessoa encontramos ecos da criação literária pessoana no que diz respeito ao sonho:

Notre vie n'est pas un songe, mais peut-être
en deviendra-t-elle un.

Notre vie n'est pas un songe, mais peut-être en deviendra-t-elle un.⁵
(NOVALIS, 1914, p. 78)

Em alguns fragmentos do *projeto do desassossego*, Pessoa realiza o preceito de seu mestre misturando sonho e vida:

Estou quasi convencido de que nunca estou desperto. Não sei se não sonho quando vivo, se não vivo quando sonho, ou se o sonho e a vida não são em mim coisas mixtas, interseccionadas, de que meu ser consciente se forme por interpenetração. ([BNP/E3-4-23])⁶

Tenho sido sempre um sonhador irônico, infiel às promessas interiores. Gosei sempre, como outro e estrangeiro, as derrotas dos meus devaneios, assistente casual ao que pensei ser. ([BNP/E3-4-13])

Nunca durmo: vivo e sonho, ou antes, sonho em vida e a dormir, que também é vida. Não há interrupção em minha consciência: sinto o que me cerca se não durmo ainda, ou se não durmo bem; entro logo a sonhar desde que deveras durmo. Assim, o que sou é um perpetuo desenrolamento

⁵ A vida não é um sonho, mas talvez possa se tornar um. (Tradução nossa)

⁶ Sempre que necessário utilizaremos documentos do espólio pessoano, respeitando a ortografia original. .

de imagens, connexas ou desconexas, fingindo sempre de exteriores, umas postas entre os homens e a luz, se estou desperto, outras postas entre os fantasmas e a sem-luz a que se vê, se estou dormindo. Verdadeiramente, não sei como distinguir uma coisa da outra, nem ousar afirmar se não durmo quando estou desperto, se não estou a despertar quando durmo. ([BNP/E3-3-72]).

A passagem lida e grifada por Pessoa no livro de Novalis sobre o sonho (*A vida não é um sonho, mas talvez possa se tornar um*) encontra-se em perfeita consonância com os trechos citados do *projeto do desassossego*. Os documentos aqui transcritos pertencem à última fase do projeto, assinada por Bernardo Soares. Os muitos fragmentos do *projeto do desassossego* se encontram sempre imersos numa atmosfera de névoa, sonho, penumbra. Soares, que assume o livro a partir de 1929, é um indivíduo que fez da vida um sonho, *não sabe bem se está desperto ou se está dormindo*, é um *sonhador irônico, não sabe se sonha quando vive, ou se vive quando sonha*. Se não tivéssemos evidências da leitura que Pessoa fez de Novalis, poderíamos apenas afirmar que essa parte da sua obra encontra-se em consonância com o primeiro romantismo alemão, mas tendo consciência de que o autor português leu e utilizou diretamente a leitura de Novalis,⁷ podemos perceber na questão do sonho e da vida (no tocante ao *projeto do desassossego*) uma clara influência de Novalis na obra pessoana.

Além da questão do sonho que revela mais uma vez a proximidade entre o romantismo alemão e o projeto do desassossego, encontramos em um dos fragmentos deste projeto uma referência direta à lírica de Heine:

Amo alguns poetas lyricos porque não foram poetas epicos ou dramáticos, porque tiveram a justa intuição de nunca querer mais realização do que a de um momento de sentimento ou de sonho. O que se pode escrever inconscientemente – tanto mede o possível perfeito. Nenhum drama de Shakespeare satisfaz como uma lyrica de Heine. É perfeita a lyrica de Heine, e todo o drama – de

⁷ Em um texto de 1928 – “O provincianismo português” – Pessoa termina o mesmo com uma frase lida e sublinhada do livro – já citado neste artigo – de Novalis: “Estamos perto de acordar, disse Novalis, quando sonhamos que sonhamos.” (PESSOA, 2000, p. 371-373).

um Shakespeare ou de outro, é imperfeito sempre. Poder construir, erguer um Todo, compor uma coisa que seja como um corpo humano, com perfeita correspondência nas suas partes, e com uma vida, uma vida de unidade e congruência, unificando a dispersão de feitos das duas partes!

Tu, que me ouves e mal me escutas, não sabes o que é esta tragédia! Perder pai e mãe, não atingir a glória nem a felicidade, não ter um amigo nem um amôr – tudo isso se pode supportar; o que se não pode supportar é sonhar uma coisa bella que não seja possível conseguir em acto ou palavras. A consciencia do trabalho perfeito, a fartura da obra obtida – suave é o sonno sob essa sombra de arvore, no verão calmo.⁸ ([BNP/E3-5-51])

Este trecho do *projeto do desassossego* apresenta a referência a Heine através do contraste com a obra de Shakespeare, o autor inglês que exerceu uma forte influência na criação literária de Fernando Pessoa. Na biblioteca do autor português encontramos livros sobre Shakespeare, bem como textos e peças deste autor. Para além disto, em seu espólio são inúmeros os fragmentos que remetem à análise da obra de Shakespeare, assim como textos de tradução dos escritos deste autor inglês. Pessoa não somente se interessou pela obra de Shakespeare, como incorporou o drama inspirado na escrita deste autor no seu espaço literário. No entanto, neste trecho Pessoa, ou Guedes, eleva a lírica de Heine, percebendo a mesma como perfeita. Isso porque a lírica de Heine não seria nem dramática, nem trágica.⁹ Essa elevação da lírica de Heine, revela um distanciamento da mesma, no sentido de identificação, ou seja, o autor português se aproxima mais do drama shakespeariano, pois acredita

⁸ Por delimitação de espaço, transcrevemos aqui apenas parte que consideremos relevante do documento para esse trabalho.

⁹ É interessante observar que no texto há a defesa de que Heine não foi um poeta épico. O estudo do Professor Márcio Suzuki, *A anatomia comparada em literatura*, publicado no livro *Os deuses no exílio*, inicia justamente fazendo referência ao pouco fôlego épico que possui a obra de Heine para alguns estudiosos: “Se há muito tempo a obra de Heinrich Heine deixou de ser lida segunda a alternativa ‘poesia’ ou ‘jornalismo’, se ‘as requintadas artes estilísticas’ de sua prosa são hoje fato incontestável, a boa crítica costuma assinalar que falta a ele um pouco de ‘fôlego épico’. Inexistiria nos seus textos, segundo afirma um grande estudioso, um ‘mundo épico que se sustente em si mesmo.’” (HEINE, 2011, p. 141).

que sua vida foi uma tragédia (“Perder pai e mãe, não attingir a glória nem a felicidade, não ter um amigo, nem um amor – tudo isso se pode suportar; o que não se pode suportar é sonhar uma cousa bela que não seja possível conseguir em actos ou palavras.”). Heine com sua lírica perfeita foi, de acordo com a reflexão pessoana, capaz de converter seus sentimentos e sonhos de uma forma precisa em sua obra. A perfeição da lírica de Heine contrasta com a tragédia pessoana, que consistiria em não realizar em palavras seus sentimentos e sonhos.

Referências

- BENJAMIN, Walter. *O conceito de crítica de arte no Romantismo alemão*. Tradução, apresentação e notas Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Editora Iluminuras, 1999.
- BORGES, Paulo. *Teatro da vacuidade ou a impossibilidade de ser eu*. Estudos e ensaios pessoanos. Lisboa: Verbo, 2011.
- HEINE, Henrich. *Os deuses no exílio*. Tradução de Martha Kawano e Márcio Suzuki. São Paulo: Editora Iluminuras, 2011.
- LACOUÉ-LABARTHE, Philippe; NANCY, Jean-Luc. A exigência fragmentária. Tradução e apresentação João Camillo Penna. *Terceira Margem* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura, UFRJ, ano IX, n. 10, p.67-94, 2004.
- LICHTENBERGER, Henri. *Novalis*. 2ª. ed. Paris: Bloud & Cie, 1912.
- NOVALIS, Friedrich von Hardenberg. *Pólen* - Fragmentos, diálogo, monólogo. Tradução, apresentação e notas Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Iluminuras, 2009.
- NOVALIS, Friedrich von Hardenberg. *Les disciples à Sais et Les fragments*. Traduits de l’allemand et précédés d’une introduction par Maurice Maeterlinck. Paris; Bruxelles: Paul Lacomblez, 1914.
- PESSOA, Fernando. *Cartas de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues*. Introdução de Joel Serrão. Lisboa: Confluência, 1944.
- PESSOA, Fernando. *Crítica* – Ensaios, Artigos e Entrevistas. Edição de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.

PESSOA, Fernando. *Livro do Desasocego*. Tomos I e II. Edição de Jerônimo Pizarro. Lisboa: INCM, 2010.

PESSOA, Fernando. *The Transformation Book or Book of Tasks*. Edition, notes and introduction Nuno Ribeiro e Cláudia Souza. New York: Contra Mundum Press, 2014.

RIBEIRO, Nuno (Ed.). *Fernando Pessoa, Philosophical Essays: A critical edition*. New York: Contra Mundum Press, 2012.

ROBERTSON, J. G. *The literature of Germany*. London: Williams and Norgate. New York: Henry Holt and Company, [s/d].

SCHLEGEL, Friedrich. *O dialeto dos fragmentos*. Tradução, apresentação e notas Márcio Suzuki. São Paulo: Editora Iluminuras, 1997.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Friedrich Schlegel e Novalis: poesia e filosofia. *Terceira Margem* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura, UFRJ, ano IX, n. 10, p.95-111, 2004.

SOUZA, Cláudia. Vicente Guedes e Bernardo Soares: para além do Desasocego. *Revista Cultura ENTRE Culturas*. Lisboa, p.186-191, 2011.

SOUZA, Cláudia; SUZUKI, Márcio. Novalis e Pessoa: lucidez poética e reflexão onírica. *Revista Filosófica de Coimbra*, v. 23, p. 9-26, 2015.

SUZUKI, Márcio. *O gênio romântico* – crítica e história na filosofia de Friedrich Schlegel. São Paulo: Editora Iluminuras, 1998.